

## Reflexões acerca do estágio supervisionado nas licenciaturas: uma oportunidade de vivenciar a realidade escolar

Reflections about the supervised internship in bachelor's degrees: an opportunity to experience the school reality

Reflexiones sobre las prácticas tuteladas en los cursos de graduación: una oportunidad para experimentar la realidad escolar

Camila Martins Januário de Freitas<sup>1</sup>

**Resumo:** O estágio supervisionado é uma exigência curricular das licenciaturas, visando a formação de professores. Resguardando as possíveis diferenças existentes na dinâmica organizacional entre os cursos, define-se um ponto em comum: o destaque que o estágio pode proporcionar na vida profissional futura do graduando, futuro docente, como oportunidade de vivenciar a realidade cotidiana dentro de uma sala de aula antes de se formar. Esse artigo buscou apontar e promover reflexões acerca da formação de professores no Brasil, através de um levantamento de produções acadêmicas de autores que dialoguem sobre a temática, além de um relato pessoal da experiência do estágio que possibilitou à autora conhecer a realidade escolar, além de encontrar seu locus de atuação profissional. Conclui-se que mais do que 'rito de passagem' ou disciplina obrigatória, o estágio promove a confirmação de uma escolha e uma rica vivência do estudante e na formação de professores capazes de atuar com autonomia e segurança.

**Palavras-chave:** Estágio supervisionado. Licenciatura. Formação de professores.

**Abstract:** The supervised internship is a curricular requirement of degrees aimed at teacher training. Keeping the possible existing differences in the organizational dynamics between the courses, a point in common is defined: the emphasis that the internship can provide in the future professional life of the future teaching student, as an opportunity to experience everyday reality within a classroom before forming. This article sought to point out and promote reflections on teacher training in Brazil, through a survey of academic productions by authors who dialogue on the subject, in addition to a personal account of the internship experience that made it possible to know the school reality, in addition to finding my locus of professional activity. It is concluded that more than a 'rite of passage' or compulsory subject, the internship promotes the confirmation of a choice and a rich experience of the student and in the formation of teachers capable of acting with autonomy and security.

**Keywords:** Supervised internship. Graduation. Teacher training.

**Resumen:** La pasantía supervisada es un requisito curricular de las licenciaturas, con el objetivo de la formación de profesores. A pesar de las posibles diferencias en la dinámica organizacional entre los cursos, se define un punto en común: el destaque que la pasantía puede proporcionar en la vida profesional futura del estudiante, futuro docente, como una oportunidad de vivir la realidad cotidiana dentro de un aula antes de graduarse. Este artículo buscó señalar y promover reflexiones sobre la formación de profesores en Brasil, a través de un levantamiento de producciones académicas de autores que dialogan sobre el tema, además de un relato personal de la experiencia de la pasantía que permitió a la autora conocer la realidad escolar, además de

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa. Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela UFV. E-mail: camilamartins\_j@hotmail.com



encontrar su locus de actuación profesional. Se concluye que más que un ‘rito de paso’ o asignatura obligatoria, la pasantía promueve la confirmación de una elección y una rica vivencia del estudiante en la formación de profesores capaces de actuar con autonomía y seguridad.

**Palabras clave:** Pasantía supervisada. Licenciatura. Formación.

## Introdução

O período formativo da graduação é o momento oportuno para que graduandos(as) possam vivenciar experiências diversificadas no que tange a atuação profissional futura. Nos cursos de licenciatura, que visam a formação do quadro docente da Educação básica, são ofertadas oportunidades diversificadas, sejam elas financiadas e promovidas pelo Governo Federal, outros específicos do próprio curso em parceria com a Universidade ou outras entidades do município, programas que objetivam a prática formativa do estudante. Entre esses programas, um dos mais conhecidos pelos cursos de licenciaturas das universidades públicas é o – Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID). Este programa oferta bolsa remunerada na qual tem o objetivo de antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública (Brasil, s/d). O Pibid é um programa de caráter não obrigatório, sendo uma excelente oportunidade de vivência da realidade docente.

Além deste e outros programas governamentais ofertados, temos nas grades curriculares a exigência do cumprimento das disciplinas obrigatórias de Estágio Supervisionado, conforme normatizado pelas Leis de Diretrizes e Bases (LDB), que estabelece em seu artigo 1º:

Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos. (Brasil, 2008).

Conforme ainda a LDB, o estágio supervisionado obrigatório possui carga horária específica para aprovação e também obtenção final do diploma (Brasil, 2008).

As experiências que vivenciei através do Estágio supervisionado no curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Viçosa - UFV, foram momentos de somatória e contribuições essenciais no que tange ao meu processo formativo. Todos os estágios cumpridos na graduação foram obrigatórios conforme a grade curricular regida pelo curso. De fato, foi notório que, as experiências vivenciadas através dos estágios abriram um leque de possibilidades de atuação, na qual pude relacionar a teoria com a prática, além de participar de momentos ímpares, podendo assim, reafirmar a minha escolha inicial pelo curso. Além dos estágios obrigatórios, na minha trajetória formativa pude vivenciar o Pibid – Educação Especial, que contribuiu para abranger as perspectivas de atuação dentro do campo da Pedagogia.

O(a) aluno(a) de licenciatura precisa de diversos conhecimentos e experiências acerca de didáticas, metodologias, instrumentos e embasamentos para potencializar a relação professor-aluno, do processo de ensino-aprendizagem, no processo de inclusão, no conhecimento da(s) disciplina(s) que será(ão) assinada(s), entre muitos outros saberes/teorias que o curso o oferecerá. Diante disso, o Estágio abre a oportunidade para que o estudante possa de forma *a posteriori* da atuação profissional, alguns saberes e assim, podendo fazer o movimento de ação-reflexão-ação (Freire,2019).

Frente a essas possibilidades que o estágio supervisionado na formação docente promove e pensando em abranger os embasamentos teóricos e reflexivos em torno da temática, propomos uma análise bibliográfica, tendo aporte teórico de autores que dialoguem sobre a temática remetidas ao Estágio Supervisionado e a formação de professores no nosso país. Além disso, apresentamos, brevemente, relato, reflexões e experiências ao longo dos três estágios que já vivenciados pelo curso de Pedagogia, podendo expor as diferenças entre eles e como todos eles contribuíram para minha formação acadêmica e profissional. Foram realizados nesses estágios, a observação participante, como também a regência de algumas aulas, nas quais tive a oportunidade de assumir a regência da sala de aula, aplicando atividades e metodologias escolhidas e planejadas *a priori*, na quais contou com a presença da professora regente da disciplina de Estágio Supervisionado.

Os estágios foram realizados em três escolas diferentes, sendo duas delas escolas públicas e uma escolar particular. Os estágios se deram nos níveis da Educação Infantil e também do Ensino Fundamental, um especificamente atuando na Educação Especial.

Observa-se que o estágio supervisionado, com as devidas orientações por parte do(a) professor(a) ministrante responsável, formulado com boas propostas e com o real envolvimento e comprometimento do estudante, fomenta e possibilita uma boa formação do docente para a atuação. É uma grande urgência da nossa realidade, pois são inúmeros relatos de estudantes que se formam para atuar como professor, mas se sentem despreparados para atuar frente às salas de aula e isso tende a perpetuar, pois, há inexperiência na profissão e também ascensão de cursos de licenciaturas a distâncias que não possuem Estágios em sua grade curricular.

Somado a essa incompleta formação inicial surge a ausência de formação continuada, realidade muito presente nas escolas, principalmente as públicas que dependem de iniciativas governamentais para fornecimento. A formação continuada é uma temática muito estudada ao longo dos anos por diversos agentes educativos. A demanda por uma formação de qualidade permeia o campo educativo desde a democratização do ensino, na qual houve uma necessidade de atender essa demanda de números de alunos, sendo preciso improvisar ocasionalmente, para que as escolas funcionassem (Gatti, Barreto, 2009). Assim, com um maior número de alunos exigiu um maior número de professores e a formação deste profissional sofreu adaptações de

diversas formas como, cursos rápidos, escolas normais e entre outros (Gatti, Barreto, 2009).

É necessária uma atenção para a formação dos nossos professores, para melhorar a qualidade da educação oferecida, pois são eles que formarão os cidadãos que vão participar e tomar as decisões frente à sociedade.

### **Breves indagações sobre formação de professores – realidade e desafios**

Historicamente, a docência enfrenta desafios que muitas vezes, comprometem a sua prática, a baixa valorização e remuneração dos professores, condições de serviços inadequadas para um processo de ensino e aprendizagem eficientes, formações precárias são alguns exemplos dos problemas enfrentados que afetam diretamente a qualidade da educação ofertada, principalmente ao que tange ao serviço público. Duarte e Oliveira (2014), apontam que diversos organismos como a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) e a Oficina Regional de Educação para América Latina entre outros, demonstram assim, uma dificuldade para o encontro de profissionais qualificados para atuar como professores nas redes públicas de ensino, resultado da pouca atração para este campo profissional.

Com a transição do vestibular para a inserção nas universidades através da pontuação do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, as oportunidades para o acesso aos cursos superiores expandiram-se, abrindo maiores chances de acesso das camadas populares ao Ensino Superior. Este, conforme as leis implantadas, é ofertado gratuitamente através das Universidades públicas, entretanto, não é garantida a todos, como o nível da Educação Básica.

O que ocorre é que, muitos entram em cursos de licenciaturas, pois são aqueles com as médias de inserção mais baixas, pois permanece ainda, um prestígio aos cursos de engenharias, direito, medicina como nos períodos coloniais. A autora Gatti (2010, p.1361) apresenta que a partir dos seus estudos com Barreto sobre as respostas do questionário socioeconômico do ENADE em 2009, que “65,1% dos alunos de Pedagogia atribuem a escolha ao fato de querer ser professor, ao passo que esse percentual cai para aproximadamente a metade entre os demais alunos”. Ainda o mesmo estudo aponta algo surpreendente, no qual 21% dos alunos optam pela docência como alternativa de ter garantida alguma profissão (Gatti, 2010). Ou seja, a docência muitas vezes é vista como uma escolha provisória ou segunda opção, visto que atualmente, a rotatividade de professores é alta.

Com o movimento de expansão do acesso à escolarização e assim a inclusão das classes populares nas escolas, surgiu um novo desafio na realidade educacional brasileira, a formação de professores para atender a essa nova demanda (Gatti, 2014). O professor que estava adaptado para atender a alunos provenientes das classes favorecidas, nos quais são detentores de apropriação cultural e condições favoráveis para o aprendizado,

agora passa a atender a uma classe menos favorecida, que traz em sua história uma bagagem de direitos negados. A formação do docente no Brasil viveu/vive uma dicotomia desde da democratização do ensino que se perpetua até os dias atuais:

Por outro lado, a urgência em qualificar um grande número de educadores para uma população escolar crescente sem o correspondente investimento financeiro por parte do governo poderá levar à repetição de erros cometidos em um passado próximo e, conseqüentemente, corre-se o risco de reviver cenários de improvisação, aligeiramento e desregulamentação na formação de professores no país (Pereira, 1999, p. 111).

Além disso, estamos cada vez mais imersos em tecnologias, redes sociais, novas metodologias ativas e, principalmente, estamos educando hoje, com a perceptiva da realidade, das causas sociais e dos direitos humanos. O professor não pode e não aceita mais, se abster de intervir pedagogicamente para formar seu aluno, realmente, para a cidadania, para formar uma sociedade mais agradável e justa para todos.

A tendência por uma busca pela educação na forma horizontal, na qual o professor deixa de ser o centro detentor do conhecimento, é uma estratégia para que os alunos sejam formados para a autonomia e que sejam críticos e reflexivos acerca das questões da sociedade. Frente a essas atuais dinâmicas, alternativas como metodologias ativas, que “são pontos de partida para avançar para processos mais avançados de reflexão, de integração cognitiva, de generalização, de reelaboração de novas práticas” (Moran, 2015, p.18), e uso de tecnologias diversificadas, buscam retirar o professor do centro da aprendizagem e o coloca como mediador, voltando-se a atenção para o principal ator do conhecimento como dito, o aluno. O mesmo autor (Moran, 2015, p.18), apresenta a nova dinâmica educativa, “quanto mais aprendemos próximos da vida, melhor”.

Se de um lado, existem políticas públicas educacionais que, em tese, garantem os direitos dos professores, como a Lei de Diretrizes e Bases, os planos de carreira, Lei do Piso Nacional do Professor e também de um crescente e forte discurso a favor da educação como emancipação humana e de promoção de dissipar as desigualdades sociais, por outro lado, temos também uma disparidade na realidade, com baixos salários, falta de oferecimento de formação continuada, falta de qualidade para se promover a educação, não cumprimento das leis, etc.

Dentro dos cursos de licenciaturas, percebe-se também que os currículos de formação de professores, segundo Pereira (1999, p.112) “baseados no modelo da racionalidade técnica, mostram-se inadequados à realidade da prática profissional docente”. Isso porque é justificado pelo mesmo autor que há uma disparidade entre a teoria e prática, na qual os professores enfocam os estudos nas teorias e as práticas são espaços somente para afirmação e aplicação dos conhecimentos teóricos (Pereira, 1999).

Pereira (1999, p.113) afirma que lidamos com cursos de formação de professores baseados na racionalidade técnica, na qual “trata-se de uma licenciatura inspirada em um curso de bacharelado, em que o ensino do conteúdo específico prevalece sobre o



pedagógico e a formação prática assume, por sua vez, um papel secundário”. Não desconsideramos a importância da teoria para formação do docente, aliás, os defendemos como força motriz para a prática, mas é necessário que se faça um elo entre ambas em um processo da práxis.

Contrapondo a este modelo, Pereira (1999, p. 113) aponta uma nova tendência da racionalidade prática, na qual nos dias atuais está cada vez mais presente, “de acordo com essa concepção, a prática não é apenas lócus da aplicação de um conhecimento científico e pedagógico, mas espaço de criação e reflexão, em que novos conhecimentos são, constantemente, gerados e modificados”.

### **A importância do estágio e sua contribuição na formação de professores**

O estágio supervisionado visa somar na formação do graduando, mais do que uma disciplina na grade curricular obrigatória, trata-se de uma oportunidade de viver a experiência na prática da profissão escolhida. Ou seja, esta experiência permite ao estagiário vivenciar alguns aspectos relativos à profissão docente, como planejamento de aulas e regências, observação dos alunos, o cotidiano de uma sala de aula etc. O estágio é etapa essencial na vida do estudante, pois se trata de uma oportunidade para o aluno refletir sobre a realidade educacional. É um momento viável para que o estudante vivencie a realidade educacional. Januário (2008, p.3) apresenta que:

O Estágio Supervisionado poderá ser um agente contribuidor na formação do professor, caracterizando-se como objeto de estudo e reflexão. Ao estagiar, o futuro professor passa a enxergar a educação com outro olhar, procurando entender a realidade da escola e o comportamento dos alunos, dos professores e dos profissionais que a compõem. Com isso faz uma nova leitura do ambiente (escola, sala de aula, comunidade), procurando meios para intervir positivamente (Januário, 2008, p.3).

A lei já regulariza o estágio supervisionado como parte da formação do docente enquanto estudante de graduação. De acordo com o título VI a Lei de Diretrizes e Bases-LDB, que refere à formação de professores e de seus fundamentos apresenta o inciso II, “a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço”. Além disso, a LDB aponta em seu artigo 65 que “a formação docente, exceto para a educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas” (Brasil,2008).

Visamos o estágio sempre como um espaço de oportunidade prática, pois em grande parte, trata-se do primeiro contato do estudante com a realidade escolar, não mais como aluno da educação básica, mas agora do outro lado, como professor responsável pela sala. Muitas vezes o aluno pode ainda ter dúvidas da escolha profissional feita, ou até mesmo receio de não conseguir interagir ou conduzir uma aula. O estágio abre espaço para dúvidas e certezas. Andrade complementa essa ideia ao apontar que:

[...] o Estágio, uma importante parte integradora do currículo, a parte em que o licenciando vai assumir pela primeira vez a sua identidade profissional e sentir na pele o compromisso com o aluno, com sua família, com sua comunidade com a instituição escolar, que representa sua inclusão civilizatória, com a produção conjunta de significados em sala de aula, com a democracia, com o sentido de profissionalismo que implique competência - fazer bem o que lhe compete. (Andrade,2005, p.2)

O estágio é oferta para o aluno a chance de pôr em prática as teorias e estudar. Scalabrin e Molinari (2013, p.2) afirmam que “na efetiva prática de sala de aula o estagiário tem a possibilidade de entender vários conceitos que lhe foram ensinados apenas na teoria”. E este deve ser dado em forma de uma aliança entre o aluno estagiário e o professor orientador deste processo. Azevedo e Andrade destacam a função do professor-orientador de estágio:

Uma das funções do professor formador orientador/supervisor de estágios é auxiliar os alunos na aplicação crítica, criteriosa e reflexiva dos inúmeros conhecimentos; contribuir para a elaboração e construção de outros conhecimentos e subsidiar, estes futuros professores, a enfrentarem situações problematizadoras em que eles se depararão no exercício da docência (Azevedo; Andrade, 2011, p.149).

Assim, o docente orientador deve promover ao aluno subsídios para problematizar sua prática, dando aporte teórico para a condução do exercício da reflexão acerca da ação, estratégia essencial na atuação docente. Além disso, muitas vezes esses professores antes de atuarem no ensino superior, também atuavam na educação básica, seja como professor ou na área da gestão, podendo assim, compartilhar suas experiências nas escolas. Tudo visa somar para a formação da identidade do profissional do estudante, na formação deste professor, visto que:

Sabemos que a formação do professor começa antes mesmo de sua formação acadêmica e prossegue durante toda a sua vida profissional que está baseada em processos complexos, principalmente porque a prática educativa se constitui na tensão entre as determinações estruturais da sociedade e as exigências do sistema de ensino (Felício; Oliveira, 2008, p.220).

Entende-se que uma orientação do professor responsável é determinante para que o aluno não se sinta perdido dentro das possibilidades e dúvidas que possa haver no decorrer da prática do estágio. Os alunos precisam estar amparados sobre as heterogeneidades presentes no ambiente escolar. Para que esses ambiente não “assuste” o aluno, principalmente aqueles que estão tendo a primeira experiência, é importante que o regente da turma, oportunize momentos de trocas, conversas, não só entre aluno e professor, mas também um ciclo de debate entre os alunos da turma para que todos, de forma coletiva, possam refletir sobre os acontecimentos, possam trocar as experiências e juntos refletindo sobre a prática, de forma coletiva, todos possam socializar as dúvidas, aprendizagens, medos e desafios. Neste processo, o papel do professor regente é de condução da dinâmica, de oferta do embasamento teórico, além de uma disposição à dúvida do aluno e de uma escuta atenta a ele.

O professor está sempre em formação, mesmo depois de graduado por uma instituição superior. Ele precisa buscar a formação continuada para sempre se manter atual, buscando sempre renovar suas metodologias e embasar seus conhecimentos. É o que aponta Paulo Freire (2019), sobre o inacabamento humano, e a busca do *ser mais*, na qual estamos sempre em condição formativa, inconclusos, ou seja, em *formação permanente*.

Ainda há uma concepção utópica de educação, mas é preciso desfazer essa visão no sentido de preparar cada estudante para o que irá encontrar, ainda mais quando estes vão trabalhar nas escolas públicas, que lidam com problemas de cunho social, de infraestrutura, falta de recurso, verbas, etc. O graduando precisa se preparar para isso, para tentar diminuir a problemática do atendimento do novo público que adentrou a escola como já citado acima.

### **Breve relato de minha experiência acerca do Estágio Supervisionado do curso de Pedagogia – Indagações da teoria com a prática**

Iniciando as reflexões acerca das minhas vivências oportunizada pelo estágio, praticado através da observação participante, afirmamos o afastamento do mito criado acerca da docência. Durante muitos anos, e ainda permanecendo, o exercício da docência foi demasiadamente marcado pela atuação do gênero feminino, com predomínio nas etapas da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental (Brasil, 2017). Com a adesão das mulheres aos cargos docentes inicia-se um movimento de desvalorização da profissão, motivados pela

associação da atividade de magistério a um “dom” ou a uma “vocação” feminina baseia-se em explicações que relacionam o fato de a mulher gerar em seu ventre um bebê com a “consequente função materna” de cuidar de crianças; função esta que seria ligada à feminilidade, à tarefa de educar e socializar os indivíduos durante a infância. Dessa forma, a mulher deveria seguir seu “dom” ou “vocação” para a docência (Rabelo; Martins, 2010, p.6168).

Sendo assim associado a um “dom”, não precisa ser devidamente valorizado financeiramente, sendo que se trata de algo natural do ser feminino. Essa explicação pode ser uma possível justificativa do grande problema de valorização dos profissionais docentes, um perfil altamente feminino que não necessita de tanto esforço/formação/qualificação alicerçado pelo argumento do dom maternal e instituto feminino, algo natural que nasce com a mulher.

Simone Beauvoir é necessária para questionarmos esse preconceito, pois como ela mesma aponta no livro *O segundo sexo*: “Não se nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 2009, p. 9) dessa forma nem toda mulher nasce com instinto para a maternidade, nem todas tem o interesse e a vontade para cuidados do lar (não sendo esse obrigação apenas da mulher), e a profissão docente é uma profissão que se requer uma formação bem embasada teoricamente com a vivência de práticas formativas desde



o tempo formativo no ensino superior e a constante aprendizagem e estudos mesmo após a conclusão da graduação ou pós.

Ou seja, é uma profissão que demanda estar em constante pesquisa, reflexão antes e depois da ação pedagógica e isso não é um dom, é dedicação, comprometimento e iniciativa de formação. Não se nasce professora, mas torna-se. Freire (1991, p.51), em sua obra *A educação na cidade*, contempla a comparativa a Simone de Beauvoir: “Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.”

O ser docente é se comprometer com uma constante busca de conhecimento através de pesquisas e de reflexão da prática, ou seja, é estar em constante aprendizado. É se comprometer antes, durante e depois da aula dada. Antes, referente à teoria, na qual o professor precisa estudar pesquisar e planejar suas aulas; durante a prática não qual ele aplica o que foi planejado sabendo também muitas vezes lidar com o inesperado; e o depois da aula, o professor buscará refletir o que foi dado, se os objetivos de sua aula foram alcançados ou não, o que pode fazer para melhorar cada vez mais para incentivar o conhecimento etc.

Diante disso, e da responsabilidade de ser professor, procurei em meus estágios vivenciá-los da melhor forma possível, tentando fazer sempre um elo entre teoria e a prática, além de observar o cotidiano de uma sala de aula, da didática da professora e da minha atuação como estagiária. No primeiro estágio, havia insegurança pela falta de experiência e pelo medo do novo. E é isso que o estágio permite: quebrar a insegurança da inexperiência e do medo. Com o passar das disciplinas, das teorias estudadas e já no terceiro estágio supervisionado, além de estar mais segurança, experiente em assumir a postura de professora, de lidar com os alunos e suas diferenças pude confirmar a minha escolha, através do feedback que os alunos me proporcionaram durante todas as regências dadas e dos retornos dos professores.

Cada um dos três estágios vivenciados, se deram em escolas diversificadas, dois deles se deram em escolas públicas e um deles na escola particular. foram na etapa da Educação Infantil e dois deles no Ensino Fundamental, um deles, especificamente, na Educação Especial, com uma criança diagnosticada com Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD). Essa oportunidade de participar das diferentes etapas da Educação Básica, possibilitou um maior repertório da prática, conhecendo diferentes estratégias, oportunidades de atuação, instrumentos, rotinas e dinâmicas escolares. Além disso, conhecer as dinâmicas de uma escola pública e de outra particular, das divergências e convergências entre as duas realidades.

É notório que, a escola particular, apresenta uma maior diversidade de materiais, insumos e espaços lúdicos de uso de professores e alunos para potencializar o processo de ensino-aprendizagem. Enquanto as escolas públicas, são carentes dos insumos

mínimos e estruturais, que entre a somatória de outros fatores, podem influenciar diretamente na qualidade educacional da escola. Percebe-se a injustiça na qual a meritocracia imposta ocasiona, visto que, ao comparar ambas as realidades, os alunos e alunas das escolas particulares e públicas não partem do mesmo ponto, apresentando uma enorme disparidade entre as dinâmicas escolares, familiares, culturais, econômicas e sociais entre eles.

Ao assumir a regência da sala de aula, prática orientada e supervisionada pessoalmente pelo docente regente da disciplina, pode contar com a colaboração da docente responsável pela sala como também dos alunos. Nota-se, que nas escolas públicas, ao aplicar as atividades e assim trazer materiais lúdicos como papéis coloridos, canetinha, papel crepom, despertou a curiosidade pelo novo, além da metodologia ativas aplicadas durante as atividades com as crianças.

Ao decorrer dos meus estágios, pude fazer recorrentemente, a conexão da teoria com a prática, mesmo que ao longo desse processo, escutamos alguns relatos e falas como ‘na prática a teoria é outra’ ou ‘a realidade é diferente do que é escrito na teoria’. De fato, a teoria não é relato idêntico e imutável da prática, mas hipóteses baseadas na realidade para fomentar estudos a cerca dela. É importante salientar que, cada escola, cada sala de aula, cada aluno possui uma realidade ímpar, e de forma similar, cada experiência se dará de forma igualmente única. Concordamos com Saviani ao salientar que

Quando entendermos que a prática será tanto mais coerente e consistente, será tanto mais qualitativa, será tanto mais desenvolvida quanto mais consistente, e desenvolvida for à teoria que a embasa, e que uma prática será transformada à medida que exista uma elaboração teórica que justifique a necessidade de sua transformação e que proponha as formas da transformação, estamos pensando a prática a partir da teoria. (Saviani, 2013, p. 91).

De fato, o autor aponta que a prática oferecerá mais qualidade para o aprendizado se este de fato estiver embasado com boas fundamentações teóricas, não sendo possível assim, separar teoria e prática sendo uma é inerente à outra.

Continuando a reflexão acerca da importância do elo da teoria com a prática, para o docente, as ideias apresentadas por Gasparin e Petenucci (2012) contribuem para essa afirmação, aos refletirem que o educador que embasa sua prática com a teoria, traz mais possibilidades de mudanças e transformações dos seus educandos e outros colegas de trabalho, na qual o processo de ensino-aprendizagem se torna mais significativos na perspectiva de uma educação transformadora.

A teoria possibilita mais do que orientar o professor com metodologias, práticas e comportamentos, mas abre possibilidades para um fazer social através da prática pedagógica, na qual o professor não somente ensina conteúdos, mas, fomenta conscientização de seus alunos. Nos estágios vivenciados, percebe que cada aluno que compõem uma sala de aula apresenta uma realidade, um ‘mundo’ à parte, e que esse não se separa ou é deixado de lado após ele entrar na escola. Esse é um desafio para o

professor, que não pode ignorar essas particularidades, pois elas refletem e influenciam na atuação do aluno na aprendizagem.

No decorrer do Estágio, na Educação Infantil, pude encontrar o meu lócus de atuação, pois encontrei através do Estágio Supervisionado obrigatório nesta etapa, uma forma de atuação na qual acredito. Através da vivência em uma Centro Educacional de Educação Infantil, pude refletir sobre os ensinamentos do educador brasileiro Paulo Freire, acerca do *autoritarismo e autoridade*, sendo que o primeiro, estabelece uma relação vertical entre professora e alunos, na qual a primeira é detentora de todo conhecimento e os alunos, breves alocadores e depositários (Freire, 2019). Essa dinâmica é incabível na Educação Infantil, visto que, nesta etapa a criança é criadora, ela está explorando o mundo, conhecendo novos espaços além do lar. Ela precisa ser protagonista do processo, experimentar, brincar, cabendo a professora, uma atuação com autoridade, com respeito aos alunos, sabendo que ao ensinar ela também aprende (Freire, 2019).

Outro aspecto observado na vivência dos estágios pude presenciar é da importância da relação família escola e do envolvimento da comunidade na qual a escola está instalada e inserida para a dinâmica do cotidiano escolar. Durante a prática em uma escola pública e estadual de um bairro considerado periférico, é visto que assim como os professores, os gestores escolares possuem a preocupação de fazer com que a escola seja cada vez mais aberta à população do bairro.

Entretanto, percebemos também as dificuldades no que tange as relações família-escola é grande percebido através de relatos oferecidos pelos profissionais dessa escola apontando as dificuldades em fazer com que os pais compareçam nas reuniões, as atividades lúdicas e apresentações de seus filhos e até mesmo, o desconhecimento por parte da equipe pedagógica da figura do responsável pela criança. Diante disso concordamos com Souza ao ressaltar:

é que destacamos a necessidade de uma parceria entre Família e Escola, visto que, apesar de cada uma apresentar valores e objetivos próprios no que se refere à educação de uma criança, necessita uma da outra e, quanto maior for à diferença maior será a necessidade de relacionar-se (Souza, 2009, p.18).

Uma relação horizontal e de ambas as contribuições faz com que família e escola potencialize o processo de ensino-aprendizagem do aluno. Pois como ressaltado por Souza, apesar de suas peculiaridades e objetivos, tanto a escola quanto a família, buscam uma formação para o aluno, para atuar em sociedade *a posteriori*. Além disso, é necessário políticas que repensem as distribuições e investimentos no que tange a educação pública, pois a realidade vivenciada nas escolas estagiadas mostra as situações presentes em muitas escolas nacionais: descaso e esquecimento.

Perpetuam-se assim, as desigualdades vigentes, mantenedoras do status quo da sociedade que favorecem os pequenos grupos privilegiados. Essas desigualdades alimentam o ciclo de violências resultantes dessas disparidades. Cada dia mais, relatos de

violências nas escolas aumentam, trazendo medo para docentes, profissionais da escola e alunos, influenciando negativamente as escolas públicas, que tendem a fechar, devido aos baixos desempenhos alcançados, comparados às demais escolas. As populações mais pobres são as diretamente prejudicadas, sendo essas as que compõem o alunado destas escolas públicas, perdendo cada vez mais, o acesso aos direitos que são garantidos perante a Constituição.

## **Considerações Finais**

O estágio é etapa essencial na vida de qualquer estudante do Ensino Superior, principalmente para os que cursam licenciaturas. Trata-se de vivenciar a prática docente de ter contato com a profissão e com a realidade educativa dentro da graduação. É a composição da sua identidade como profissional na qual ele poderá refletir já sua prática e para isso, é necessário que o aluno esteja embasado em boas teorias e também conhecer outras que não concorde para poder contrapor-las.

Desta forma, é importante que o aluno seja orientado pelo professor durante todo o estágio, fornecendo bons textos, autores e orientações e conversas para que essa reflexão possa ser sucedida. Quando bem orientado, o Estágio passa de ser apenas uma etapa a ser cumprida para o cumprimento da carga horária exigida para a obtenção do currículo e ser um instrumento realmente estratégico para o preparo da atuação futura.

Nas experiências das pessoas que pude vivenciar através do estágio supervisionado obrigatório no curso de Licenciatura em Pedagogia, pude destacar a importância da reflexão como instrumento e técnica essencial para uma verdadeira práxis educativa. Reflexão-ação-reflexão no ato pedagógico, permite ao profissional docente permitir que este reorienta suas aulas, estabeleça conexões com seus alunos, fomentando uma relação menos autoritária com seus alunos e mais horizontal.

Além disso, o estágio supervisionado obrigatório me fez encontrar o meu lócus de atuação, que compreende a Educação Infantil. Através das experiências nas diversas etapas do ensino, consegui através do estágio, encontrar na Educação Infantil uma identificação pessoal com os ensinamentos trabalhados, a rotina e a dinâmica escolar que mais me adaptei e inclinei preferência. Entretanto, a experiência nos outros níveis de ensino também abriu um leque de opções para atuações futuras, não sendo nenhuma descartada.

Ao longo do estágio supervisionado, recebi algumas sugestões negativas desmotivadoras para exercer a docência, através de frases como “na prática a teoria é outra”, ou ainda “não vale a pena exercer a docência”, “você é muito nova, pode trocar ainda de profissão”. São comentários advindos de professoras que apresentam um maior tempo profissional exercido, fator esse que pode influenciar as falas. Além disso, é claro os desafios enfrentados diariamente pelos educadores brasileiros, da desvalorização salarial, moral e até a violência que adentra os espaços escolares cada vez mais.

O posicionamento do professor responsável pelo estágio é emergido pelo acompanhamento e resolução das dúvidas, porém mostra-se cada vez mais, a necessidade de tomada de algumas decisões estratégicas que ultrapassam as escolas, que visam a nível das políticas públicas no que tange o modo pensar e gestar a formação inicial docente nas licenciaturas. Primeiramente é primordial que haja uma preocupação dos órgãos governamentais para a formação do docente, tanto inicial quanto continuada. É preciso investir cada vez mais na valorização docente, cada vez com salários adequados, condições estruturais decentes, direitos legais garantidos e implementados, para assim a escolha da profissão seja mais atrativa.

Repensar o currículo das universidades e faculdades também se faz necessário, este é preciso ser elaborado numa perspectiva a atender a nova realidade das escolas, não mais baseados no viés do bacharelado, mas ser formulado para cursos de licenciaturas, pensando em práticas pedagógicas que visem o novo papel social que a educação tem frente à sociedade, aliás, frente ao qual tipo de sociedade que querem transformar ou manter o *status quo* atual. É um desafio que se perpetua em nosso país e que instiga no alcance de uma qualidade social para a educação brasileira.

Por fim, o estágio supervisionado trouxe reflexões importantes para o meu exercício docente, visto que conforme Freire afirma, a educação nunca será neutra. Dessa forma é preciso se indagar enquanto educador: Qual o meu papel diante da sociedade? Qual tipo de professor procuro ser? Como posso através da minha profissão, fazer e trazer diferença para o tipo de sociedade que buscamos? São indagações iniciais do estágio que, com certeza, ecoaram durante todo os anos da profissão docente.

## Referências

- ANDRADE, Arnon Mascarenhas de Andrade. O Estágio Supervisionado e a Práxis Docente. In: SILVA, Maria Lucia Santos Ferreira da. (Org.). **Estágio Curricular: Contribuições para o Redimensionamento de sua Prática**. Natal: EdUFRN, 2005. Disponível em: [www.educ.ufrn.br/arnon/estagio.pdf](http://www.educ.ufrn.br/arnon/estagio.pdf); acesso em: 23 de mar. 2023.
- AZEVEDO, M.A.R. de; ANDRADE, M. d. F. R. O trabalho de orientação dos estágios frente aos diferentes cenários educacionais. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, n. 2, p. 147-161, 2011.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Editora Nova Fronteira, 2009.
- BRASIL. Lei n. 11.738, de 16 de julho de 2008. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do artigo 6º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 17 jul. 2008. [2008a]. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm) Acesso em: 26 mar. 2023.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm) >. Acesso em: 26 de mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Censo Escolar 2017. Brasília: MEC, 2018.

FELÍCIO, Helena Maria dos Santos; OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de. A formação prática de professores no estágio curricular. **Educar em revista**, p. 215-232, 2008. <  
<http://www.scielo.br/pdf/er/n32/n32a15> >. Acesso em: 26 de mar. 2023.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GASPARIN, João Luiz; PETENUCCI, Maria Cristina. Pedagogia histórico crítica: da teoria à prática no contexto escolar. **Dia a dia Educação, Paraná**, v. 2, p. 2289-8, 2014.: <  
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2289-8.pdf>>. Acesso em: 02 de mar. 2023.

GATTI, Bernadete; BARRETTO, Elba Siqueira de Sá. **Professores no Brasil: impasses e desafios**. Brasília: Unesco, 2009. Disponível em:  
<http://flacso.redelivre.org.br/files/2012/07/330.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2023.

GATTI, Bernadette A. A formação inicial de professores para a educação básica: as licenciaturas. **Revista Usp**, n. 100, p. 33-46, 2014.

GATTI, Bernadette. A Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação & Sociedade**, v. 31, p. 1355-1379, 2010.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. **Coleção mídias contemporâneas. Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens**, v. 2, n. 1, p. 15-33, 2015.

PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente. **Educação & sociedade**, v. 20, p. 109-125, 1999. Disponível em: <  
<https://www.scielo.br/j/es/a/F3tFhqSS5bXWc5pHQ3sxxkxJ/abstract/?lang=pt> >. Acesso em: 24 de mar. 2023.

RABELO, Amanda Oliveira; MARTINS, Antonio Maria. A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do Magistério. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4., 2010, Uberlândia. Anais... Aveiro: FCT, 2010. p. 6167.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 2. ed. Campinas, SP. Autores associados, 2013.

SCALABRIN, I. C.; MOLINARI, A. M. C. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. **Revista Unar**. Vol 7. n. 48 2013/3.

SOUZA, Maria Ester do Prado. Família/escola: a importância dessa relação no desempenho escolar. **Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE). Paraná**, p. 1764-8, 2009.

\*\*\*

Recebido: 19.07.2023

Aprovado: 30.11.2023

Publicado: 28.05.2024